



SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA
COORDENADORIA DA PESQUISA DE RECURSOS NATURAIS
INSTITUTO FLORESTAL

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
data _____/_____/_____
cod. FOD 00 143

CAIXA 5

- terras do 2º perímetro de são roque e suas características fisiográficas
- a "lagoa são paulo" e alguns aspectos de sua fisiografia

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA AGRICULTURA
COORDENADORIA DA PESQUISA DE RECURSOS NATURAIS
INSTITUTO FLORESTAL

TERRAS DO 2.º PERÍMETRO DE SÃO ROQUE
E SUAS CARACTERÍSTICAS FISIAGRÁFICAS

A "LAGOA SÃO PAULO" E ALGUNS ASPECTOS
DE SUA FISIOGRAFIA

FRANCISCO MOACYR AYRES DE ALENCAR
JOSÉ CARLOS BOLLIGER NOGUEIRA
WALTER EMMERICH

BOLETIM TÉCNICO N.º 20
MARÇO, 1976

TERRAS DO 2.º PERÍMETRO DE SÃO ROQUE
E SUAS CARACTERÍSTICAS FISIOGRAFICAS

*Francisco Moacyr Ayres de Alencar **

*José Carlos Bolliger Nogueira ***

*Walter Emmerich ****

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como origem o cumprimento ao despacho proferido em 4/6/73, no Protocolado n.º 8810/72, pela Diretoria Geral do Instituto Florestal, que instituiu um grupo de trabalho integrado pelos autores, com a finalidade de promover a estudos e levantamentos sobre a cobertura vegetal das terras que constituem o 2.º Perímetro de São Roque. De acordo ainda com o despacho proferido, estudou-se também a possibilidade da incorporação parcial ou global da área indicada, em função do que prescreve o artigo 3.º, do Decreto-Lei n.º 14.916, de 6 de agosto de 1945, nos itens que abordam matéria de interesse do Instituto Florestal.

Dada a última relação existente entre flora, fauna e meio-ambiente os autores procuraram na medida do possível, compilar todos os dados que interferem neste triângulo, visando à apresentação de um quadro fiel da área em questão.

* *Engenheiro Agrônomo/Pesquisador Científico - Chefe da Seção de Manejo e Inventário Florestal-Substituto - Instituto Florestal.*

** *Engenheiro Agrônomo - Chefe de Seção da Estação Experimental de Baurú - Instituto Florestal.*

*** *Engenheiro Agrônomo - Encarregado do Viveiro Florestal de Taubaté - Instituto Florestal.*

2. ÁREA - LOCALIZAÇÃO E CLIMA

As terras que passaremos a descrever e sobre as quais procedemos um amplo estudo, constituem uma vasta área de 23.762ha, localizada entre a latitude de 23°45' e 24°00' Sul e as longitudes de 47°10' e 47°25' W.Gr., com altitude variável de 700 a 900 metros.

A temperatura média anual é de 22°C e a precipitação pluviométrica que ali se verifica, situa-se entre 1.600 a 2.000 milímetros.

Pela Carta Climática de São Paulo, constata-se que o clima imperante é do tipo Cfb-Quente de Inverno Seco, clima este que é uma constante nas regiões com Formação de Floresta Latifoliada Tropical Úmida de Encosta, que também ali se encontra.

O imóvel em apreço, que recebeu na Discriminatória a denominação de 2.º Perímetro de São Roque, tem 98% da sua área situada no município de Ibiuna e os restantes 2% no município de Piedade.

Com vias de acesso, podemos mencionar três como principais: a Regis Bittencourt ou B.R.-116, a colossal e já famosa Castelo Branco e a Raposo Tavares. Cabe no entanto, esclarecer, que as referidas rodovias não chegam até aos limites da área em questão, a qual, fica destas, a uma distância de aproximadamente 25km. Assim, para alcançá-la é necessário fazer alguns desvios, deixando as grandes rodovias em pontos determinados, passando a transitar por estradas vicinais de penetração, feitas de terra batida, precárias em todo seu percurso e que são viáveis apenas para "jeep" ou outros veículos que possuam tração nas quatro rodas.

A situação desta área em relação às cidades circunvizinhas quanto à distância, é a seguinte: De Ibiuna, sede do município onde se localiza a maior parte das terras, dista 18km, de Juquitiba, cidade mais próxima, a distância é de 14km, de Pie-

ALENCAR, F.M.A. de et al. TERRAS DO 2º PERÍM. DE S.ROQUE E S/CARACT. FISIAGR.

dade fica a 20km e, finalmente mais afastada, fica de Itapece-
rica da Serra a 45km.

3. GEOLOGIA E SOLOS

Pudemos observar que esta área apresenta um forte relevo montanhoso, típico dos contrafortes da Serra do Mar, por conseguinte fazendo parte do chamado Planalto Atlântico.

Como sabemos, o Planalto é originário do Sistema Cristalino Brasileiro, formado no mais longo período de todas as eras geológicas - o Arqueano, cuja duração foi estimada em cerca de dois bilhões de anos.

Há nítida predominância das rochas: - gnaisses, granitos, micaxistos e mais raramente, calcários, que dão origem às seguintes unidades de mapeamento: - Latossolo Vermelho Amarelo-Orço Lvr - Latossolo Vermelho Amarelo - fase rasa, PVL-Podzólico Vermelho Amarelo "intergrade" para Latossolo Vermelho Amarelo e LJ - Solos de Campos do Jordão.

4. CURSOS D'ÁGUA

O imóvel em causa possui um apreciável volume de água, pois tem grande parte das suas divisas marcadas por rios de curso permanente, tais como: Rio Juquiá-Guaçú, Rio do Peixe, Ribeirão Grande; notando-se ainda que alguns destes rios terminam por formar as Represas de Jurupará, do França e da Fumaça.

Cortando as terras, existem vários ribeirões como sejam: - Tamanduá, Tamanduazinho, Onça, Bagres, Conchas, Limoeiro, Guaçu, Cristal, Lodo, Pedras e o Córrego da Coruja.

5. VEGETAÇÃO

A cobertura florestal é uma continuação das matas existentes na Escarpa Atlântica - extensa floresta pluvial, típica do Escudo Cristalino, cujas rochas deram origem à Cordilheira Marítima do nosso País com seus inúmeros contrafortes, incluindo-se nestes a Serra da Mantiqueira e Paranapiacaba, onde se situa a região de que tratamos.

Nota-se bastante diversidade na fisionomia vegetal, que se apresenta assim distribuída: - Nas baixadas entre os morros e ao longo dos rios e riachos, o povoamento é denso, formado de exuberantes espécies nativas. Nas encostas, a flora é mais rala, constituída por essências pouco desenvolvidas e de baixo valor econômico.

Há sinais evidentes de grandes derrubadas e conforme nos foi dado comprovar "in loco", as maiores destas se processaram criminosamente às margens dos rios, onde o acesso é bem mais fácil para o corte e a retirada das árvores abatidas.

Felizmente, não observamos derrubadas na crista dos morros e terrenos mais íngremes, acreditando, porém, que tal fato se deve unicamente, à dificuldade que estes lugares oferecem para a retirada das árvores cortadas, o que, conseqüentemente viria aumentar de maneira considerável o seu custo.

Além dessa facilidade de exploração, deve-se notar também que a vegetação dos vales apresenta um crescimento notável, estando sempre presentes no maciço as chamadas madeiras "nobres", moderadamente pesadas, de uso na confecção de mobiliário fino, de painéis, decorações internas, escadarias e construção civil. Por estas razões, é fácil perceber como são altamente vantajosas para os exploradores estas espécies da nossa flora que vão pouco a pouco, sendo dilapidadas.

Pelas vistorias que levamos a feito no local e pela planta elaborada com base em aerofotografias verticais, em

ALENCAR, F.M.A. de et al. TERRAS DO 2º PERÍM. DE S:ROQUE E S/CARACT. FISIOGR.

escala de 1:25.000, obtidas no início do ano de 1973*, podemos constatar que a área apresenta o seguinte quadro, face à vegetação que a reveste e capacidade de uso do solo:

- a) área coberta de mata 18.296,74ha
ou seja 77%;
- b) área desmatada 5.465,26ha
ou seja 23%;
- c) declividade do solo acima de 40%;
- d) terras pertencentes à Classe VII, com restrições severas de uso, próprias apenas para Pastagem ou Silvicultura;
- e) presença de vários ranchos e choupanas, alguns abandonados e outros habitados por posseiros, que se dedicam à produção ilegal de carvão e também ao plantio, em escala limitada, de milho, cuja colheita é destinada ao consumo próprio.

O povoamento florestal apresenta os seguintes caracteres silviculturais: misto, dissetâneo de teto horizontal de densidade normal nas baixadas e ralo nas encostas, em alto fuste. Reune, entre muitas outras espécies, as seguintes relacionadas:-

Abobreiro	<i>Torrubia</i> sp, <i>Myrtaginaceae</i>
Angico	<i>Piptadenia colubrina</i> , <i>Leguminosae</i>
Bico de Pato	<i>Machaerium lanatum</i>
Boleira	<i>Alchornea triplinervia</i> , <i>Euphorbiaceae</i>
Bucuva	<i>Virola</i> spp, <i>Myristicaceae</i>
Bugre	<i>Lithaea brasiliensis</i> , <i>Anacardiaceae</i>
Bracatinga	<i>Mimosa bracatinga</i> , <i>Leguminosae</i>
Caixeta	<i>Tibouchina</i> sp, <i>Melastomaceae</i>
Camboatã	<i>Matayba guianensis</i> , <i>Sapindaceae</i>
Cambuí	<i>Eugenia vellosiana</i> , <i>Myrtaceae</i>
Canela	(<i>Anhuva</i>) <i>Aiouea</i> sp, <i>Lauraceae</i>

* Esta planta foi conseguida graças à colaboração do Eng.º Agr.º Jorge Vicente Chiarini - Chefe do Serviço de Fotointerpretação do Instituto Agrônomo de Campinas da Coordenadoria da Pesquisa Agropecuária.

ALENCAR, F.M.A. de et al. TERRAS DO 2º PERÍM. DE S.ROQUE E S/CARACT. FISIOGR.

Cedro	<i>Cedrela</i> sp, <i>Miliaceae</i>
Coerana	<i>Chrysophyllum viride</i> , <i>Sapotaceae</i>
Congonheira	<i>Villaresia</i> sp, <i>Icacinaceae</i>
Crindeúva	<i>Trema micrantha</i> , <i>Ulmaceae</i>
Figueira	<i>Ficus</i> sp, <i>Moraceae</i>
Genipapo	<i>Genipa americana</i> , <i>Rubiaceae</i>
Guacá	<i>Ecclinusa</i> sp, <i>Sapotaceae</i>
Guamerim	<i>Eugenia</i> sp, <i>Myrtaceae</i>
Guanandi	<i>Calophyllum brasiliense</i> , <i>Guttiferae</i>
Grumixava	<i>Micropholis gardnerianum</i> (A.DC)
Ingá	Pierre - <i>Sapotaceae</i> <i>Ingá</i> sp, <i>Leguminosae</i>
Ipê-tarumã	<i>Vitex polygama</i> , <i>Verbenaceae</i>
Jacarandá Pardo	<i>Machaerium villosum</i> , <i>Leguminosae</i>
Jacatirão	<i>Papil</i> <i>Miconia</i> spp, <i>Sapindaceae</i>
Jaguatiroca	<i>Myrtaceae</i>
Jataeiro-bravo	<i>Licania</i> sp, <i>Rosaceae</i>
Juruvoça	<i>Laplacea semiserrata</i> , <i>Theaceae</i>
Leiteiro	<i>Brosimopsis lactescens</i> , <i>Moraceae</i>
Limão bravo	<i>Seguiera langsdorffii</i> , <i>Phytolaccaceae</i>
Louro Pardo	<i>Cordia tricotoma</i> , <i>Boraginaceae</i>
Mandioqueira	<i>Didymopanax</i> sp, <i>Araliaceae</i>
Marmelinho	<i>Alibertia</i> sp, <i>Rubiaceae</i>
Passariúva	<i>Sclerolobium</i> sp, <i>Leguminosae</i>
Pau D'algo	<i>Gallesia integrifolia</i> , <i>Phytolaccaceae</i>
Pau novo	<i>Sickingia</i> sp, <i>Rubiaceae</i>
Pau marfim	<i>Balfourodendron riedelianum</i> , <i>Rutaceae</i>
Pau mulato	<i>Psidium</i> sp, <i>Myrtaceae</i>
Pau-ripa-claro	<i>Mouriria</i> sp, <i>Melastomaceae</i>
Pau-terra	<i>Qualea</i> sp, <i>Vochysiaceae</i>
Peloteira	<i>Guarea</i> sp, <i>Meliaceae</i>
Peroba-d'água	<i>Sessea brasiliensis</i> , <i>Solanaceae</i>
Peroba	<i>Aspidosperma populifolium</i> , <i>Apocynaceae</i>

ALENCAR, F.M.A. de et al. TERRAS DO 2º PERÍM. DE S.ROQUE E S/CARACT. FISIOLGR.

Pichiririca	<i>Miconia</i> sp, <i>Sapindaceae</i>
Pimenteira	<i>Capsicodendron pimenteira</i> , <i>Canelaceae</i>
Pinheirinho	<i>Podocarpus</i> sp, <i>Podocarpaceae</i>
Pinheiro do Paraná (raro)	<i>Araucaria angustifolia</i> , <i>Araucariaceae</i>
Pitiã	<i>Aspidosperma camporum</i> , <i>Apocynaceae</i>
Rapadura	<i>Heisteria silvanii</i> , <i>Olacaceae</i>
Tarumã	<i>Vitex</i> sp, <i>Verbenaceae</i>

6. CONCLUSÕES

Após as vistorias que levamos a feito e a análise que fizemos da situação e aspectos da área em apreço, concluímos o seguinte:

Trata-se de uma área de relevo montanhoso, com cerca de 77% de cobertura de matas, já degradadas em parte, pois percebe-se que grande parte do maciço é formado por Capoeirões e mesmo Capoeiras, resultantes de derrubadas efetuadas há alguns anos passados.

Os restantes 23% da área estão desnudos, em consequência, também, de derrubadas recentes.

É oportuno lembrar que tais derrubadas foram praticadas em flagrante desrespeito à Lei n.º 3.081, de 22 de dezembro de 1956, que proíbe qualquer derrubada, durante a fase de discriminação, conforme se pode constatar no seu artigo 8.º que estabelece, "in verbis" -

"Durante o processo discriminatório e seus recursos, não poderão ser alteradas as áreas e divisas encontradas ao tempo da propositura, ficando proibidas as derrubadas de mato sem consentimento expresse da autoridade

ALENCAR, F.M.A. de et al. TERRAS DO 2º PERÍM. DE S. ROQUE E S/CARACT. FISIAGR.

competente, depois de ouvido o representante da autora, ambos responsáveis”.

O grande imóvel, possui apreciável volume d'água, pois, é rasgado por vários riachos, córregos e alguns rios de curso permanente fluem por extensos trechos da sua linha perimétrica.

De acordo com o Levantamento Conservacionista, no qual se analisa o conjunto das características físicas que condicionam a capacidade de uso de cada gleba, tais como: tipo de solo, grau de declividade, erosão e o uso atual, chegou-se à conclusão de que aquelas terras representam a chamada classe VII, o que significa que são terras de uso muito limitado, impróprias, pois, para qualquer exploração agrícola, prestando-se tão somente para reflorestamento nas clareiras e baixadas desbravadas, não se permitindo em nenhuma hipótese o desmatamento dos seus morros, tal o perigo da erosão acelerada laminar e em sulco. Assim, face aos dados que reunimos no presente trabalho, e tendo em vista que são terras Devolutas, quer nos parecer que a sua destinação mais consentânea seria a transformação daquelas matas em Parque Estadual, de acordo com o artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 14.916, de 6/8/1945 com base no artigo 5.º do Código-Florestal, instituído pela Lei n.º 4.771, de 15/9/1965.

7. RESUMO

Neste trabalho os autores fazem uma sucinta descrição a respeito da localização e delimitação das terras devolutas do 2.º perímetro de São Roque, com uma superfície de 23.762 hectares.

Apresentam também uma concisa comunicação a respeito da geologia, solo, hidrologia e cobertura florestal da área, fazendo ao mesmo tempo comentários sobre a devastação florestal da área.

ALENCAR, F.M.A. de et al. TERRAS DO 2º PERÍM. DE S.ROQUE E S/CARACT. FISIAGR.

Os autores sugerem que a área seja convertida num Parque Estadual, de acordo com o artigo 3.º, do Decreto-Lei n.º 14.916, de 6/8/1945 e com base no artigo 5.º do Código Florestal, instituído pela Lei 4.771, de 15/9/1965.

8. SUMMARY

In this report the authors make an brief description about the localisation and delimitation of the vacant lands belonging to the 2nd perimeter in the municipality of São Roque City with about 23.762 hectares. A brief communication about the geology, soil, hydrology and the area is presented, and a comment about the forestry devastation of the area is made.

The authors suggest to convert the area into a State Park, accordingly to the Decree-Law n.º 14.916 of July 8, 1945 based on the paragraph 5 of Forestry Code, appointed by Law number 4.771, of September 15, 1965.

9. BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALENCAR, F.M.A. Plantas úteis para revestimento do solo. *Bragantia*, Campinas, 9:133-46, 1949.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Departamento Nacional de Produção Animal. Secção de Agrostologia e Alimentação dos Animais. *Informações sobre algumas plantas forrageiras*. 4.ª ed. Rio de Janeiro, 1.937. 201 p.

BRASIL. Ministério da Agricultura. Serviço Nacional de Pesquisas Agronômicas. Comissão do Solo. *Levantamento de Reconhecimento de Solos do Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro, 1960. (Boletim, 12).

KULMANN, M. *A flora de Ibiti*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, 1940.

MAINIÉRI, C. *Madeiras brasileiras; Características gerais, zonas de maior ocorrências, dados botânicos e usos*. São Paulo, Instituto Florestal, 1970.

MARQUES, J. & QUINTILIANO, A.A. A conservação do solo em Cafetal. *Boletim Superintendência Serv. Café*. São Paulo, 1-97, 1949.

RIZZINI, C.T. *Árvores e Madeiras Úteis do Brasil; Manual de Dendrologia*. São Paulo, Blücher/USP, 1971. 294 p.

SETZER, J. *Os solos do Estado de São Paulo*. Rio de Janeiro, I.B.G.E., 1949. (Publicação, 6).

TORTORELLI, L.A. *Maderas y Bosques argentinos*. Buenos Aires, ACME, S.A.C.I - Ciências Biológicas y Agronomicas, 1955. 910 p.